

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
6 e 17 de Janeiro de 2023
NAS TERRAS DOS FARAÓS

DAS WEIB DES PHARAO / 1922 A Mulher do Faraó

Um filme de Ernst Lubitsch

Argumento: Norbert Falk, Hans Kräly / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco com tintagens): Theodor Sparkhul, Alfred Hansen / *Cenários:* Ernst Stern, Kurt Richter, Max Gronau / *Figurinos:* Ernst Stern, Ali Hubert, Ernö Metzner / *Música:* Eduard Künneke / *Montagem:* não identificado / *Interpretação:* Emil Jannings (o faraó Amenes), Dagny Servaes (*Theonis, uma escrava grega*), Harry Liedtke (*Ramfis*), Paul Wegener (*Samlak, rei da Etiópia*), Paul Biersfeldt (*Menon, ministro do Faraó*), Friedrich Kühne (o arquiteto, pai de Ramfis), Lydia Salmonova (*Maketa, filha do rei da Etiópia*).

Produção: Ernst Lubitsch Film e EFA/Europäische Film-Allianz (Berlim) / *Cópia:* dcp, (transcrito do original em 35 mm), com tintagens, versão original com a música original de Eduard Künneke, intertítulos em alemão e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Nova Iorque, 21 de Fevereiro de 1922; estreia em Berlim a 14 de Março / *Estreia em Portugal:* 21 de Outubro de 1924 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 3 de Outubro de 1992, no âmbito do ciclo “Ernst Lubitsch”.

O título correto do filme é DAS WEIB DAS PHARAO e não “Das Weiss”, como vem indicado, por gralha no programa mensal.

Se Ernst Lubitsch tivesse morrido em meados dos anos 20 não seria certamente considerado um dos grandes do cinema, como foi e é mais do que justamente. Contrariamente a Fritz Lang, que foi seu contemporâneo dos estúdios de Berlim, Lubitsch não realizou as suas grandes obras-primas na Alemanha e sim nos Estados Unidos. Note-se que a estreia mundial do filme que vamos ver teve lugar em Nova Iorque um mês antes da estreia alemã, o que prova as ambições comerciais internacionais dos seus produtores, o principal dos quais foi o próprio Lubitsch (nos anos 30, enquanto realizava diversas das suas obras-primas, Lubitsch também teria importantes funções de produtor na Paramount). No ano seguinte à estreia deste filme “egípcio” Lubitsch realizaria o seu primeiro filme americano, **Rosita** e o impacto de um filme como **Das Weib das Pharao** sobre os profissionais americanos deve ter sido grande e decisivo para a partida de Lubitsch para Hollywood, onde já chegou numa posição de força. A sua produção americana deixou para sempre na sombra a sua vasta produção alemã, realizada entre 1915 e 1922, num período de redefinição do cinema a seguir à Primeira Guerra Mundial, em que sobressaem comédias e filmes de grande espetáculo. Entre as suas comédias deste período alemão, uma já tem algo de lubitschiano no argumento (a filha do “rei da ostra” quer casar com um filho de rei de sangue azul) e até no título: **Die Austernprinzessin/A Princesa das Ostras**. Os seus filmes monumentais, de que **Das Weib des Pharao** é exemplo, prolongam um género criado em Itália em meados do decénio anterior: os filmes de grande espetáculo, situados na Antiguidade, que foram os primeiros a utilizar cenários monumentais construídos (e não de tela pintada) e multidões de figurantes (como assinalam todas as histórias do cinema estes filmes influenciaram o Griffith do episódio babilónico de **Intolerance**). Note-se que ainda antes do estabelecimento deste género de cinema (geralmente datado de **Cabiria**, de Giovanni Pastrone, de 1914, embora este não seja o primeiro *filme monumental* conseguido) a Antiguidade romana, grega e bíblica fornecera material para várias dezenas de filmes em variados países da Europa, em obras breves, ingenuamente toscas, com os seus cenários de cartão pintado. Seja como for, é mais do que provável que os *filmes monumentais* de Lubitsch neste período alemão, como **Madame du Barry** e **Anne Boleyn**, para citarmos os mais conhecidos, não seriam vistos e revistos se não tivessem sido assinados por ele, pois as suas *mises en scène* são relativamente banais, não

demonstram especial destreza no manejo de multidões e de grandes cenários e estes dois filmes não sobressaem entre dezenas de outros semelhantes, assinados por realizadores esquecidos. Este não é certamente o caso de **Das Weib des Pharao**, verdadeiro monumento cinematográfico que até cerca de dez anos atrás só podia ser visto numa cópia truncada, com quarenta minutos a menos do que a que vamos ver, que inclui inclusive a música original e na qual são devidamente indicadas as passagens (até agora) consideradas definitivamente perdidas. Contrariamente a alguns restauros, que podem ser um tanto abusivos e fetichistas e resultam em filmes incoerentes, este é o resultado de um trabalho obsessivo e minucioso, porém feito com espírito de síntese, o que nem sempre é o caso dos restauros cinematográficos. Além disso, conforme é regra nos arquivos europeus e contrariamente à abominável prática predominante nos Estados Unidos, a digitalização do material em 35 mm não resultou numa imagem achatada, em que tudo deve estar em foco e em primeiro plano. A imagem desta cópia não tem nem pode ter a textura de uma cópia em película (devido à natureza dos suportes, nestas transcrições há sempre um ligeiro “excesso” de nitidez nos pormenores da imagem), mas em nada falseia a obra e o suporte originais.

Se o cinema monumental dos anos 10 e 20, que ainda tinha um pé no século XIX, focou-se na Antiguidade greco-romana e bíblica isto se deu, pelo menos em parte, porque a Bíblia é o livro mais lido no mundo e as religiões que contém estão vivas e, por outro lado, porque a Antiguidade greco-romana era familiar aos espectadores, posto que fazia parte dos currículos escolares. Neste sentido, estes filmes não eram radicalmente exóticos. No caso do Egito, com a exceção da figura de Cleópatra, tudo era muito mais longínquo e opaco (o celeberrimo túmulo de Toutankhamon, pequeno porém intacto e inviolado, foi descoberto alguns meses depois da estreia do filme de Lubitsch; este data do ano do centenário do deciframento dos hieróglifos por Champollion, mas é pouco provável que tenha havido alguma intenção celebratória). A obra de arte europeia que mais “familiarizara” os europeus com ‘com temas ligados ao Egito, mais do que qualquer pintura *pompier* ou qualquer soneto sobre o suicídio de Cleópatra, foi sem dúvida a **Aida** de Verdi, que data de 1871 e cujo argumento foi sugerido, embora não escrito, por um egiptólogo. Talvez por isto haja ecos da trama daquela ópera no filme de Lubitsch, tais como a rivalidade guerreira entre egípcios e etíopes (Aida é filha do rei da Etiópia, tal como a noiva oficial do faraó no filme) e a divisão da protagonista feminina entre o amor oficial e o amor autêntico. Contrariamente ao que se tornaria quase uma tradição nos filmes de aventuras antigas no período sonoro, não há aqui ironia, anacronismos ou diálogos absurdos (a título de exemplo: “*I had no breakfast, I am hungry!*”, diz a Cléopatra de Cecil B DeMille na sua primeira réplica) e, por conseguinte, não há o mais ínfimo elemento *kitsch* no filme de Lubitsch. Os cenários dão a necessária impressão de monumentalidade e solidez, os numerosos movimentos de multidão são impecáveis, jamais atabalhoados, as massas humanas que vemos são elementos dinâmicos e plásticos. A grande cena de batalha é quase um modelo de concisão e eficácia. O filme é monumental sem ser esmagador ou prolixo, a inteligência dos cenários e o uso do claro-escuro na imagem são dignos das grandes tradições alemãs neste domínio e as tintagens, pelo menos nesta versão restaurada, pouco numerosas. A alternância entre espaços fechados e ao ar livre, o jogo com a escala de planos, o ritmo impecável do filme, tornam realmente lamentável o facto de não se saber o nome do responsável pela montagem, embora seja mais do que provável que o próprio Lubitsch, coprodutor do filme, tenha acompanhado a montagem de perto. O argumento traz algumas surpresas, que dão um interesse suplementar ao filme: entre elas estão a cena de delírio do faraó e a sua falsa morte e sobretudo o desenlace, em que a multidão se volta contra o par de amantes e lapida-o, numa sequência magistralmente filmada em pleno geral e em picado, o que lhe dá um efeito quase coreográfico. **Das Weib des Pharao** é certamente menos fascinante e menos pessoal do que as grandes *sophisticated comedies* que Lubitsch faria nos anos 30, mas mostra-o totalmente à vontade num género de cinema em que ele nem sempre pareceu muito à vontade. Este talvez seja mais um filme de produtor do que de realizador, mas não nos esqueçamos de que Lubitsch exerceu as duas funções durante quase toda a sua carreira, inclusive neste filme.

Antonio Rodrigues